

A SELEÇÃO DE CONTEÚDOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

MS. IVAN CARLOS BAGNARA
Faculdade IDEAU - Getúlio Vargas – RS – Brasil
ivanbagnara@ideau.com.br

INTRODUÇÃO

A impressão que se tem, é que muitos professores de educação física estão preocupados em ministrar aulas com objetivos voltados para o desenvolvimento de habilidades psicomotoras, aprimoramento de capacidades físicas e esportivismo. Isso, de certa forma, leva a aula de educação física para uma espécie de miniaturização do treinamento de modalidades esportivas de alto rendimento.

A educação física escolar não pode ser vista ou tratada somente com os objetivos e finalidades descritos acima, porque é muito mais abrangente e tem importância fundamental no processo de educação e socialização do sujeito. Soares, Taffarel e Escobar defendem a educação física não como tendo preocupação com “o aprimoramento e o desenvolvimento de diversas habilidades em si, mas sim em relação às atividades concretas da cultura corporal” (2011, p. 218). Continuam os autores. “A preocupação deverá ser a apreensão crítica da expressão corporal enquanto linguagem por meio do trato do conhecimento sobre os grandes temas da cultura corporal como o jogo, a dança, o esporte, a ginástica, etc.” (p. 218).

Opinião semelhante, e não menos importante, é exposta por Darido e Souza Jr:

[...] a educação física deve ser entendida como uma disciplina curricular que introduz e integra o aluno na cultura corporal, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhora da qualidade de vida (apud BETTI, 2010, p. 14).

Essa ideia da disciplina na escola ultrapassaria simplesmente a motivação por ensinar o gesto motor de forma correta ou treinar capacidades físicas. Como ideal da educação física escolar estaria sendo advogado que ao professor da disciplina caberia, juntamente com seus estudantes, problematizar, interpretar, relacionar e analisar as amplas manifestações da cultura corporal, de tal forma que seriam compreendidos os sentidos e significados intrínsecos nas práticas corporais.

A educação física vem sendo muito discutida atualmente dentro de uma perspectiva cultural. Constitui uma área do conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento, criadas pelo ser humano ao longo de sua história (SANTOS; MATOS, 2003). Dessa forma, a educação física teria no movimento corporal tanto um meio quanto um fim para atingir seu objetivo educacional. O movimento poderia ser entendido como uma atividade, no caso corporal, que se manifesta pelos vários tipos de jogos, esportes, danças, lutas, brincadeiras ou mesmo pela ginástica (RANGEL; BETTI, 1995).

Soares, Taffarel e Escobar tratam o conhecimento como “um dos modos de apropriação do mundo pelo homem, apropriação esta que somente se torna possível mediante a atividade humana” (2011, p. 212). O conhecimento pode ser entendido como uma forma de reprodução da realidade na consciência do sujeito e tem relação direta com as temáticas que serão abordadas e a forma como serão levadas a cabo.

Quando tratamos de quais temáticas serão ensinadas pela educação física na escola, reportamo-nos ao descrito por Betti:

[...] inicialmente, o termo educação física designa, em sentido restrito, aquelas atividades pedagógicas que, no âmbito da instituição educacional, têm como tema o movimento corporal; no sentido amplo, designa todas as manifestações ligadas à ludomotricidade humana, mas que também poderiam ser tratadas por termos como cultura corporal ou cultura de movimento (2005, p. 186).

Nessa perspectiva, os PCNs “trazem uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos” (BRASIL, 1998, p. 15). A implementação da disciplina de educação física na escola deve levar em consideração alguns princípios fundamentais. Autores da área apontam e exemplificam cada um dos princípios, dos quais os mais citados e propagados são o princípio da inclusão, o princípio da diversidade e o princípio da categoria dos conteúdos.

A utilização do termo “cultura corporal de movimento” está sendo constantemente utilizado na atualidade para designar os temas que devem ser trabalhados na educação física escolar, mas tal expressão proporciona uma amplitude considerável de compreensões, interpretações e significações. Assim, busca-se delimitar a amplitude do termo dentro da área e da escola. Para isso, descrevemos uma importante passagem dos PCNs, que aponta:

Dentro desse universo de produções da cultura corporal de movimento, algumas foram incorporadas pela educação física como objetos de ação e reflexão: os jogos e brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, que têm em comum a representação corporal de diversos aspectos da cultura humana. São atividades que ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando ora uma intenção mais próxima do caráter lúdico, ora mais próxima do pragmatismo e da objetividade (BRASIL, 1998, p. 29).

Entretanto, a educação física escolar, em muitos contextos, ainda é reprodutora de alienação e consumismo na própria abordagem pedagógica e conteúdos trabalhados, excluindo alunos do processo de ensino e aprendizagem por não resolver questões básicas relacionadas a situações de como fazer para que todos tenham a experiência de participar e praticar e como permitir que cada um, a seu modo, tenha as oportunidades de experimentar, de vivenciar o movimento, seja ele qual for. Nenhum discurso teórico e racional, por mais elaborado que seja, tem a capacidade de substituir a experiência da prática e da vivência corporal. O movimento é algo real, não virtual. O gesto é a sensação, a emoção, a reflexão, a possibilidade de comunicação e satisfação. Todas as formas da cultura corporal de movimento, sejam modalidades de esporte, sejam de dança ou ginástica, têm existência na medida em que são exercidas por pessoas. Pode parecer óbvio, mas a cultura corporal existe à medida que é cultivada, desenvolvida ou praticada (BRASIL, 1998).

Especificamente na escola, imagina-se o contexto da cultura de movimento aos esportes mais tradicionais, como o futebol, voleibol, handebol, futsal, basquetebol e atletismo; ainda, atividades relacionadas a manifestações ginásticas, danças, jogos e lutas. Porém, não podemos ignorar que atualmente a cultura corporal de movimento reúne outras formas de manifestações menos difundidas no meio escolar e em algumas classes sociais, como, principalmente, as atividades desportivas praticadas na natureza, como montanhismo, rapel, trilhas, *rafting*, mergulho, exploração, dentre outras, e, ainda, atividades desenvolvidas nas cidades como *skate*, diversas modalidades de ciclismo, patinação e outras. (BRASIL, 1998). Logicamente a educação física escolar nem sempre poderá atuar em todas essas frentes, mas é certo que a área não poderá ignorar, por exemplo, as formas de manifestações de movimento expostas.

Assim, buscamos junto aos professores de educação física das escolas públicas da zona urbana de Erechim, RS, verificar quais são os conteúdos/temáticas prioritariamente abordados para o desenvolvimento das aulas de educação física.

MÉTODO

Participaram do estudo os professores de educação física das escolas públicas (municipais e estaduais) da cidade de Erechim, RS que atuam na área nos anos finais do ensino fundamental. Responderam ao questionário 100% dos professores, totalizando cinquenta instrumentos. A pesquisa foi definida como de natureza mista, ou seja, quanti-qualitativa.

Os dados foram obtidos pela aplicação de questionário contendo 11 questões fechadas, que nos permitiram traçar um perfil amplo da prática docente. Após levantar os dados com o questionário, realizou-se uma entrevista (semiestruturada, gravada e transcrita), para construir os dados de natureza qualitativa. As entrevistas foram concedidas por oito professores de educação física, sendo quatro atuantes em escolas municipais e quatro em escolas estaduais de Erechim, RS.

Os dados obtidos com a entrevista foram analisados através da técnica análise de conteúdo e tratados da seguinte maneira: a) unidades de registro claramente delimitadas e fáceis de detectar; b) unidades de contexto, que fornecem o marco interpretativo; c) codificação, para contabilizar e relacionar as unidades de registro entre si até extrair algum significado; d) categorização, que consiste em abstrair semelhanças e diferenças significativas das unidades de registro; e) foco no nível semântico, significando que no texto poderemos ver as pegadas que o sujeito deixará na superfície textual, permitindo a inferência de certas características suas (NAVARRO; DÍAZ, 1994).

TEMÁTICAS OU CONHECIMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Sobre o tema, Darido e Rangel definem que os conhecimentos que farão parte do processo de ensino e aprendizagem na escola devem ser organizados a partir de

[...] uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta, etc. cuja assimilação é considerada essencial para que se produzam desenvolvimento e socialização adequados no aluno (2008, p. 64).

Ainda, por conhecimentos ou temáticas podemos entender como sendo tudo quanto se tem de aprender para alcançar determinados objetivos, que não apenas abrangem as capacidades cognitivas dos estudantes, como também as demais capacidades. Desse modo, os conhecimentos que farão parte do processo de ensino e aprendizagem não se reduzem unicamente às contribuições das áreas tidas como tradicionais. Portanto, também serão conhecimentos de aprendizagem todos aqueles que possibilitem o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e inserção social (NEIRA, 2009).

Nesse aspecto, torna-se fundamental registrar a autonomia do professor e da instituição escolar na seleção dos temas a serem abordados. Para introduzir a discussão a este assunto, citamos os PCNs, que sobre a autonomia afirmam:

[...] essa autonomia deve pressupor a valorização do professor e da instituição escolar, criando condições concretas e objetivas para o exercício produtivo dessa responsabilidade, pois a possibilidade de construção deve gerar um avanço em direção ao exercício pleno da cidadania, garantindo a todos os alunos o acesso aos conhecimentos da cultura corporal de movimento. Por outro lado, interesses políticos e econômicos escusos podem, a partir de uma interpretação distorcida [...] legitimar a descaracterização da educação física escolar, tornando-a mera área técnica ou recreativa, desprovida de função no processo educativo pleno (BRASIL, 1998, p. 26 e 27).

Sobre o assunto conhecimentos ou conteúdos, um número significativo de professores, representados percentualmente por 90% da totalidade, trabalham preferencialmente com os

chamados “esportes tradicionais¹”, ao passo que somente 10%, utilizam como primeira opção de conhecimento os jogos e brincadeiras. Observamos que a totalidade de professores que lançam mão de jogos e brincadeiras como conhecimentos chave de suas aulas atua preferencialmente no 5º ano do ensino fundamental, etapa na qual ainda é muito presente a vertente psicomotricista da educação física.

Não causa surpresa esse dado, pois uma quantidade considerável de documentos existentes na literatura, mostram que existe uma esportivização exagerada da educação física escolar. Porém,

[...] o professor de educação física deve ter consciência de que, através de sua disciplina, tem uma contribuição específica a dar [...] essa contribuição será tanto mais eficaz, quanto mais o professor for capaz de compreender os vínculos da sua prática com a prática social global (BARBOSA, 2001, p. 105).

Não queremos deixar transparecer aqui que somos contrários à utilização do esporte dentro dos muros escolares; pelo contrário, somos sabedores de seu poder educativo e sua força perante as mudanças e transformações sociais. O que questionamos é a forma como são concebidos dentro do espaço educacional, ou seja, a intencionalidade pela qual são introduzidos, ensinados e aprendidos.

Avançamos na questão dos conhecimentos e averiguamos a segunda opção utilizada pelos professores de educação física. Os resultados obtidos são representados pelos seguintes números: os jogos e brincadeiras são utilizados por 68% do total, ao passo que 12%, utilizam a ginástica como segundo conhecimento mais utilizado. Por sua vez, os esportes realizados no meio ambiente e os esportes tradicionais, empatados, configuram a preferência de 8% para cada um dos conhecimentos. A dança configura 2% como segundo conhecimento trabalhado pela educação física escolar. Ainda, 2% responderam que trabalham somente com os esportes tradicionais. Das opções disponibilizadas, os esportes de aventura, as lutas e a opção “outros” não foram mencionados como primeira ou segunda opção trabalhada na escola.

Na busca de mais respostas, aprofundamos um pouco a discussão em torno dos conhecimentos, verificando qual seria a terceira opção trabalhada nas aulas de educação física. Dos 50 professores entrevistados, 92% informaram que utilizam mais de dois temas. Os resultados encontrados foram: 45,6% utilizam os esportes ligados ao meio ambiente; 32,6% utilizam a ginástica; 10,9% trabalham com a dança; 8,7%, preferem os jogos e brincadeiras e apenas 2,2%, abordam as lutas como terceira opção de conteúdo.

Todos os professores entrevistados lançam mão, preferencialmente da prática de esportes para o desenvolvimento de suas aulas, senão como primeira, como segunda opção. Não que tal prática não surta efeitos positivos no trabalho escolar, porém outras vivências da cultura corporal de movimento estão sendo ignoradas no momento em que ocorre uma “esportivização exacerbada” do ambiente escolar.

Tal afirmação pode ser mais bem compreendida com a citação de partes das transcrições das entrevistas dos professores:

Trabalhamos os esportes: vôlei, futsal e handebol. Dança, jogos e recreação: trabalhamos alguma coisa. (ENTREVISTADO 8).

Focado para a prática de exercícios de futsal, handebol, voleibol e atletismo. Dentro desses esportes tem atividades recreativas, brincadeiras e alguns jogos, mas voltados para aquela prática esportiva que está sendo trabalhada especificamente (ENTREVISTADO 1).

Sobre os tipos de conhecimentos ou temáticas que estão sendo trabalhadas nas escolas, Costa e Nascimento (2006), em estudo realizado com escolas públicas e particulares na cidade de Maringá, PR, apontaram que 95,2% dos professores entrevistados utilizam em

¹ No contexto deste estudo são considerados esportes tradicionais: futebol, futsal, voleibol, handebol, basquetebol e atletismo.

suas aulas os conhecimentos referentes aos jogos, esporte institucionalizado e esportes alternativos. Tal estudo corrobora os resultados encontrados em nosso estudo, que apontou que 90% dos professores utilizam preferencialmente os esportes tradicionais, os quais, de certa forma, se assemelham muito aos esportes institucionalizados do estudo apresentado por Costa e Nascimento.

Com relação ao trabalho do esporte na escola, recorremos a Darido e Rangel:

A concepção do esporte como um elemento da cultura corporal e a objetivação da inclusão do aluno nesse universo seguramente nos remetem à necessidade de um tratamento didático e pedagógico. O ambiente escolar, entre outras instituições sociais, caracteriza-se como um espaço importante para debates e ações orientadas para esse fim (2008, p. 185).

Reafirmamos que em momento algum somos contrários ao esporte no meio escolar, porém somos favoráveis à intencionalidade pedagógica, da mesma forma como as autoras explicitaram na citação acima. Por isso, seria preciso pensar na forma como são abordados dentro da escola. E o afirmado por nós vai ao encontro do descrito por Medina, de que o esporte, ao “invés de ser um agente dinâmico de aproximação da saúde integral, da educação libertadora ou de uma cultura corporal-esportiva que poderia promover a compreensão e a solidariedade entre as pessoas, mais parece seguir em direção contrária” (2011, p. 145).

Ainda com relação aos conhecimentos, procuramos identificar quais são os critérios adotados pelos professores para determinar os temas que serão abordados durante as aulas. Buscando subsídios nos PCNs identificamos que tal documento sugere alguns critérios para a definição dos temas que serão abordados pela disciplina de educação física na escola, a saber: relevância social, características dos alunos e especificidades do conhecimento na área (BRASIL, 1998).

Durante a realização do estudo, questionamos isso. Dois pontos se destacaram: gosto e preferência por parte dos alunos; e a disponibilidade de espaço físico e materiais.

Vejo com os alunos isso. Acho importante que eles também participem da escolha. A gente não pode fugir muito, do trabalho da parte desportiva, da ginástica, dos exercícios físicos, mas procuro muito a colaboração e converso muito pra ver a necessidade deles (ENTREVISTADO 3).

Desde a minha formação, há mais de 20 anos, trabalho voltado às práticas esportivas: o handebol, o voleibol, o basquetebol, o atletismo, o futsal e o futebol de campo. E essas modalidades vêm ao encontro do gosto do aluno (ENTREVISTADO 7).

Primeiramente, a disponibilidade de espaço físico e materiais. Depois, selecionamos as modalidades que se pode trabalhar, tentando desenvolver todas as possíveis com o espaço e materiais, para que o aluno possa vivenciar o maior número de habilidades motoras (ENTREVISTADO 4).

O critério tem relação com o que tem na escola para trabalhar, ou seja, o espaço físico e o material. A gente sempre solicita a compra de alguns materiais, mas, se sair um pouquinho do tradicional, que é desenvolver todos os esportes, ou, os quatro ou cinco esportes mais trabalhados na escola, falta material (ENTREVISTADO 5).

Não podemos julgar as formas adotadas para determinar os conhecimentos e taxá-las como certas ou erradas, mas, se considerarmos as orientações sugeridas pelos PCNs, percebemos que tais critérios não estariam totalmente dentro do contexto sugerido para o trabalho da educação física escolar.

De certa forma, os dados apresentados e analisados até o momento poderiam, em parte, justificar os problemas relacionados ao possível “atraso” da educação física erechinense quando comparada com outras áreas da educação e da própria sociedade. Os conhecimentos ou temas abordados, como apresentado, ainda são os mesmos praticados há décadas, ou seja, preferencialmente os esportes tradicionais. Além disso, a restrição de alguns conhecimentos considerados chaves e recomendados pelos PCNs e em outras literaturas, como a dança, as formas de ginástica e as lutas, somente para exemplificar alguns, muitas

vezes retirados da aula até de forma inconsciente, impede que o estudante tenha contato com outras formas da manifestação da cultura corporal de movimento e usufrua de suas possibilidades sociais e culturais.

Durante a realização das entrevistas entrou em pauta o assunto teoria. Sabemos que a educação física é uma disciplina de que o estudante gosta muito, mais pelo seu caráter de atividades práticas, lúdicas, desafiadoras e estimulantes, que a diferenciam da maioria das áreas normais desenvolvidas em sala de aula, que utilizam lousa, cadernos, carteiras, cadeiras, livros, dentre outras ferramentas. Não que a educação física não possa ser desenvolvida nesse contexto, porém por si só necessita de um espaço maior e de uma variedade de materiais diferenciados para poder explorar sua multiculturalidade de movimentos. Contudo, para chegar à prática de determinada modalidade esportiva ou de quaisquer situações envolvendo a cultura corporal de movimento, ou até mesmo à problematização de diversos contextos, necessitamos de aporte teórico para a compreensão de tais conhecimentos.

Vamos recorrer às falas dos professores entrevistados para conhecer a opinião e a forma de utilização da teoria no contexto da educação física nas escolas públicas de Erechim:

Não trabalho em sala de aula com teoria. Eu levo o material que tenho da parte teórica para a quadra, e conforme a gente vai falando, vai demonstrando ao mesmo tempo, afinal, você já está no ambiente de trabalho, e você acaba interagindo a parte teórica com a prática e fica bem mais compreensível para eles (ENTREVISTADO 3).

Às vezes tem que ficar com eles em sala de aula até acalmar. Tem turmas em que às vezes tenho que botar teoria, para ver se dá uma acalmada, para parar de brigar e aí sim poder ir para o ginásio. Mostro como funciona tudo, as regras na teoria e depois lá na prática (ENTREVISTADO 5).

Sobre a discussão envolvendo a questão da teoria da educação física, uma pesquisa realizada por Tokuyochi et al. (2008) com professores da rede estadual de ensino de São Paulo mostrou que, referentemente ao desenvolvimento dos conhecimentos teóricos nas aulas de educação física foi verificado que 97% dos entrevistados disseminam esse tipo de conhecimento e apenas 3%, não. Ainda, a pesquisa procurou apontar a frequência com que tal ferramenta é utilizada e os resultados encontrados foram os seguintes: 48% afirmaram utilizá-la às vezes; 45% disseram que muitas vezes a adotam; 5% afirmaram que raramente utilizam a em suas aulas; 1% destacou que nunca fez uso desse conhecimento e, ainda, 1% não respondeu à questão.

Ainda sobre os conhecimentos, autores apontam que os mesmos devem ser trabalhados, explorados e desenvolvidos na escola sob três perspectivas ou dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal (BRASIL, 1998; NEIRA, 2009; DARIDO; RANGEL, 2008). Segundo tal caracterização, os conhecimentos de ordem teórica estariam incluídos na dimensão conceitual.

Subentendemos nas entrelinhas dos entrevistados que a teoria é utilizada com maior frequência para o trabalho de orientação histórica, de regras, embasamento teórico dos gestos técnicos, e podemos até mesmo mencionar a organização tática, ao invés de problematizar a função social do esporte, dentre outras possibilidades. Isso poderia ser mais bem aprofundado, porém neste momento nos faltam subsídios para isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização do presente estudo tivemos a oportunidade de dialogar com uma série de autores, todos defendendo e lutando pela educação física escolar. Porém, de certa forma, a maioria corrobora que a educação física na instituição escolar está passando por uma crise de identidade. Encontramos alguns estudos que apontam para a mesma direção que o presente, ou seja, em diversos lugares do país, nos mais diversos estados, inclusive em épocas diferentes, os problemas são muito semelhantes aos aqui encontrados, e uma preocupação que temos é que tais problemas têm permanecido ao longo dos anos.

Os conhecimentos preferencialmente utilizados pelos professores de educação física que atuam nos anos finais do ensino fundamental das escolas públicas de Erechim sugerem que a área está desenvolvendo no contexto escolar algo semelhante ao realizado pelas escolinhas especializadas em iniciação desportiva. Nesse caso, temos a impressão de que a intenção da educação física escolar é descobrir potenciais futuros atletas e iniciar sua preparação no contexto escolar.

Em época em que a sociedade é movida pelo consumismo descontrolado, na qual a mídia vende a cada dia um novo estereótipo de ser humano (que de humano pouco tem), e há a preocupação com os padrões de beleza corporal ditados por uma sociedade que acredita ser a beleza externa e os padrões financeiros algumas das coisas que realmente importam, necessitamos apresentar um caminho contrário para a geração de estudantes que “está em nossas mãos”.

O professor tem como função primordial problematizar os temas polêmicos e que muitas vezes são empurrados goela abaixo pela mídia e pela sociedade, e os adolescentes, pensando ser o correto, ou o “mais massa”, seguem, como se fossem uma religião e a verdade absoluta.

Não estamos propondo transformar a educação física num componente meramente teórico, mas, sim, mesclar a teoria com a prática, — teoria não somente para ensinar as regras e histórico dos esportes, mas para, discutir os problemas sociais que podem ser solucionados através do esporte, dentre outras possibilidades da cultura corporal de movimento, e apresentar tais possibilidades durante as atividades práticas.

Finalizamos este estudo parafraseando Fensterseifer, ao dizer que “a palavra de ordem é: a educação física precisa sair da crise” (2001, p. 31-32). Logo, quem são as pessoas mais indicadas neste momento para “acabar” com a crise da educação física? Tomamos a liberdade de questionar e de responder: os professores, apesar de tudo. Claro, esse trabalho não deve recair somente sobre os ombros do professor, mas acreditamos na educação e, principalmente, nos professores — e na necessidade de estabelecer redes de apoio multidisciplinares e multiprofissionais —, que são a razão de ser e o principal motivo da evolução e crescimento de um país, apesar de todos os problemas encontrados para exercer dignamente sua profissão.

Descritores: Cultura corporal de movimento. Conhecimentos. Esportes.

Endereço residencial: Rua Santa Catarina, 86 – apto 202 – Centro – Erechim, RS. 99700-000.
Fone: 55 (54) 9958 7963. Email: ivanbagnara@ideau.com.br.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Cláudio Luís de Alvarenga. *Educação física escolar: da alienação à libertação*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BETTI, Mauro. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *RBEF*. São Paulo, p 183 -197, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, Luciane Cristina Arantes; NASCIMENTO, Juarez Vieira. *Prática pedagógica de professores de educação física: conteúdos e abordagens pedagógicas*. *Revista da Educação Física*, Maringá, UEM, p. 161-167, 2006.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. *Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção da escola*. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição de Andrade. *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. *A educação física na crise da Modernidade*. Ijuí: Unijuí, 2001.

MEDINA, João Paulo Subirá. Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo. In: GEBARA, Ademir et al. *Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. 17 ed. Campinas, SP: Papirus, 2011 p. 141-158.

NAVARRO, Pablo; DÍAZ, Capitolina. Análises de contenido. In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan. *Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales*. Madrid: Síntesis, 1994.

NEIRA, Marcos Garcia. *Educação física: desenvolvendo competências*. 3 ed. São Paulo: Phorte, 2009.

RANGEL, Irene Conceição de Andrade; BETTI, Paulo. Esporte na escola: mas é só isso, professor. *Motriz*, Rio Claro, SP, v. 1, n. 1, jun, 1995.

SANTOS, Rubem Siqueira; MATOS, Tânia Cristina Santos. A relação entre tendência e prática pedagógica dos professores de educação física de 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo: 2003 p. 45-53.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; ESCOBAR, Micheli Ortega. Educação física Escolar na Perspectiva do Século XXI. In: GEBARA, Ademir et al. *Educação física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. 17 ed. Campinas, SP: Papirus, 2011, p 211-224.

TOKUYOCHI, Jorge Hideo et al. Retrato dos professores de educação física das escolas estaduais do Estado de São Paulo. *Revista Motriz*, Rio Claro, v.14, n. 4, p. 418-428, 2008.